

PORQUE A INGLATERRA LUCTA NESTA GUERRA
E
O QUE ESPERA ELLA ATINGIR NO PORVIR.

DISCURSO

PROFERIDO POR

VISCONDE GREY,

a Ministro dos Negocjos Estrangeiros,

AOS

REPRESENTANTES DA IMPRENSA ESTRANGEIRA
EM LONDRES,

nos 23 de Outubro de 1916.

(Versão autorizada.)

COMPTES DE PHOTOGRAPHIE ALBUQUERQUE
Rua da Conceição de N. 140-2
LISBOA

LONDRES: H. K. B. AND SONS, TISBWOODS, LTD.

1916.

H. P.
6718

8

PORQUE A INGLATERRA LUCTA NESTA GUERRA

E

O QUE ESPERA ELA ATINGIR NO PORVIR.

DISCURSO

PROFERIDO POR

VISCONDE GREY,

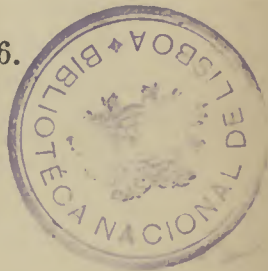
o Ministro dos Negocios Estrangeiros,

AOS

REPRESENTANTES DA IMPRENSA ESTRANGEIRA
EM LONDRES,

aos 23 de Outubro de 1916.

(Versão autorizada.)





MEUS SEHORES,—Asseguro-vos que, em dias de guerra como esses, muito estimamos ver entre nós os estrangeiros que de paizes aliados bem como neutros venham interpretar fielmente os nossos sentimentos, que manifestem ao mundo o verdadeiro gesto deste paiz perante a magna lucta de hoje, que digam a pura verdade; e que se conseguirem não só dizer a verdade, que é comparativamente facil, mas tambem convencer o publico em geral dessa verdade, prestar-nos-hão o mais relevante serviço que delles podemos antolhar.

Anunciou o sr. presidente que havia eu de proferir um discurso historico. A meu ver, porém, duvido que emquanto se trava essa lucta possa haver discurso digno de ser qualificado como tal. É de esperar que os haja depois da guerra; mas actualmente o que ha

de historico está sendo desempenhado pelos estados maiores dos Aliados e pelos combatentes nas linhas de fogo. Com meras palavras pouco se faz. As obras dos estados maiores e das forças militares e navaes hoje constituem os verdadeiros factores da historia. Tivemos ultimamente alguns discursos bem notaveis : primeiro o magnifico discurso proferido por Monsieur Briand na Camara Franceza ; em seguida o de Mr. Lloyd George quando entrevistado por um jornalista, e o de Mr. Asquith na Camara dos Comuns ; e não menos firme de todos, o comunicado oficial de Petrogrado, sob os auspicios do sr. Ministro do Interior. Denotam esses discursos o timbre, o gesto que actualmente caracterizam os Aliados. Com o que se tem dito estou de pleno acordo ; mas o que desejo comunicar-vos hoje não se refere ás condições de paz, que só podem ser formuladas e declaradas pelos Aliados conjuntamente, e não por qualquer delles separadamente. O que vou dizer-vos é acerca da mira geral que os Aliados terão de atingir nessa guerra.

A historia de 1870 repete-se.

Rogo-vos para que nunca percais de vista a origem dessa guerra. A fim de orientarmos devidamente nesse sentido, torna-se imprescindível termos sempre ante os olhos o verdadeiro motivo do actual conflicto. Ha quem nos digam que é inutil volver outra vez ao facto consumado, já que todo o mundo bem o conhece. Porém exige o caso que estejamos constantemente a referirmos ao passado, pois isso tem que fazer com as condições de paz.

A Alemanha hoje fala da paz ; descantam os seus estadistas nesse sentido ; mas qual será a paz de que se trata ? Oh, dizem elles, é necessario que a Alemanha tenha garantias de que não será ella de novo agredida. Ora, se a guerra tivesse sido forçada sobre a Alemanha, ainda haveria motivo para tal declaração. É precisamente porque a Alemanha não foi estrangida á guerra, e porque foi a Alemanha quem impoz a guerra sobre a Europa, que são os Aliados que precisam de garantias para a futura paz. Até o mez de julho de 1914

ninguém pensava de agredir a Alemanha. Alega-se todavia que foi a Rússia quem primeiro se mobilizou. A meu ver, serve isso á Alemanha para justificar a sua declaração quanto á guerra não ser agressiva da sua parte, mas até forçada sobre ella. Ora, a mobilisação russa de que os alemães se queixam só principiou depois de ter sido a Conferencia rejeitada pela Alemanha, e quando já em Petrogrado constava por noticias telegraficas de que a mobilisação estava decretada na Alemanha. Efectivamente o caso era analogo ao de 1870—preparava-se para guerra não sómente quanto aos preparativos materiaes, mas as evoluções belicas em Berlim culminavam ao ponto jamais atingido por outros paizes, até que no momento determinado surgia a manobra de provocação que désse motivo para medidas defensivas em qualquer outro paiz; e então, á vista de taes medidas, logo se expedia o ultimatum que tornasse inevitavel a guerra.

O mesmo se deu com a invasão da Belgica. Construíram-se os caminhos de ferro

estrategicos na Alemanha, e o estado maior alemão planeava toda a campanha através da Belgica ; e agora se diz que aos alemães não restava outro recurso senão atravessar a Belgica, porque o plano inimigo visava a mesma travessia !

Assim, segundo as declarações alemãs, a mobilisação russa era medida aggressiva, e não defensiva ; e havia outra potencia além da Alemanha que traficasse com a neutralidade belga ou projectasse campanha através da Belgica. Bem quizera eu ver taes declarações investigadas perante qualquer tribunal independente e imparcial.

A gana d'Alemanha para a guerra.

A organização germanica tem tido extraordinario exito em diversos sentidos, mas sobremaneira em obstar que a verdade fosse conhecida pelo proprio povo alemão, em lhe impingir a falsa doutrina de que a guerra vinha forçada sobre a Alemanha. Quando a Inglaterra propoz a Conferencia, aceitaram-na

a Russia, França e Italia; quando quatro potencias propõem a conferencia, e uma outra a rejeita, quem é que impõe a guerra, as potencias que propõem a conferencia, ou a potencia que a recusa? O imperador da Russia propoz o tribunal de Haya. Um soberano oferece o tribunal de Haya, e um outro o ignora. É o soberano que se refere á Haya que está forçando a guerra, ou o soberano que desconsidera a oferta? Mesmo nas vespervas da guerra a França garantiu que havia de respeitar a neutralidade da Belgica se a Alemanha não a violasse. Instamos pela garantia nesse sentido. Era a potencia que exigia essa garantia, e a potencia que a dava, ou aquella que a negava, responsavel pela violação da neutralidade da Belgica? Sabem os belgas, os francezes e inglezes todos que jamais, em nenhuma epoca, se fez a proposta para que as tropas francezas ou inglezas entrassem na Belgica, a não ser para defender a Belgica contra a violação da sua neutralidade, primeiro empreendida pela Alemanha.

Porque é que os esforços envidados para evitar a guerra em julho de 1914 fracassaram todos? Simplesmente porque era impossível haver paz sem boa vontade, e porque em Berlim prevalecia a gana para a guerra, sem a vontade para preservar a paz.

Ultimamente o príncipe imperial alemão deplorava perante um americano a perda de vida causada por essa guerra. Bem sabíamos quaes haviam de ser os sofrimentos provenientes da guerra, e quão terrível havia de ser a tempestade desencadeada sobre a Europa—a razão porque esforçavamos para evital-a em 1914. Era então a ocasião para se compenetrar do que significaria essa guerra. Após a tremenda experiencia que tivemos, os nossos Aliados e nós estamos determinados para que a guerra só termine quando estivermos a todo o transe seguros de que as vindouras gerações e os nossos povos não serão expostos de novo a essas terríveis calamidades.

A trama que gorou.

Qual era o plano d'Alemanha? Ha poucos dias notei num periodico o que dizia um official alemão acerca de ter falhado o plano germanico esta vez, mas que o resultado seria bem diferente no decorrer de dez annos. Que vinha a ser tal plano, tal fracasso? A guerra havia de ser breve e triumphal. Tudo havia de ser segundo a tabela feita—tantos dias para chegar a Paris, tantos dias para aniquilar a França, e em seguida a Russia; e quanto á Inglaterra, visava o plano afastal-a da guerra; mas se os inglezas entrassem na campanha, não era de crer que as suas forças expeditionarias conseguissem voltar o feitiço contra os feiticeiros. Os militaristas que se preocupam exclusivamente de assuntos militares, e de considerações puramente materiaes, esquecem-se de calcular e não podem calcular o alcance do brio, da alma que vibra nas nações quando, agredidas, luctam pela sua propria existencia. O plano germanico era para vencer

a França e a Rússia, isolar e desgraçar a Inglaterra.

Emquanto luctamos, não esqueçamos nunca que a nós foi feita uma proposta para que darmos fóra dessa guerra. A nós pediu o governo alemão que fizéssemos um compromisso de neutralidade sob certas condições. De nós era exigido que fechassemos os olhos á violação da neutralidade belga—o compromisso visava esse fim—se bem que pelo tratado cumpria ao governo alemão respeitar aquella neutralidade. Além disso esperava-se que deixássemos a Alemanha agir livremente acerca das colonias francezas, a seu bel-prazer. Porisso digo que o plano visava não sómente isolar-nos, senão desacreditar-nos tambem. Que os neutros façam a si mesmos essa pergunta: qual seria o destino deste paiz se o governo britanico tivesse acedido a tal proposta por um momento? Poderíamos possuir um exercito e uma marinha, mas não haveria nada de moral, nada de brio na nação. Seríamos despresados pelo mundo inteiro. Porém, as tramas de tanta torpeza deixaram

de ter o desejado efeito ; não preciso dizer-vos qual foi a resposta do governo britânico, nem qual o espirito nacional ao romper da guerra.

Ha que pensar além do que a Alemanha diz hoje ; convem notar as expectativas do seu governo e do seu povo ao iniciar a guerra, Percebiamos então algo da sua verdadeira mentalidade. Em agosto de 1914 havia na Alemanha um certo Professor Ostwald que se desabafava a um cidadão americano ; pretendia ser pacifista, e esboçava o plano germanico assim : a Alemanha dictaria a paz ao resto da Europa, e seria abolido o principio de absoluta soberania nacional individualmente.

Não percamos de vista que, efectivamente, tal era o espirito que animava a Alemanha ao encetar a guerra. E qual é o espirito que nessa guerra rege-nos e os nossos Aliados ? Segundo o que acaba de enunciar o nosso primeiro ministro : “ Havemos de lutar até que se estabeleçam a supremacia do direito sobre a força, e o livre desenvolvimento em

perfeita igualdade, e de acordo com o espirito nacional, de todos os povos, grandes e pequenos, que constituem o mundo civilisado.”

A união dos Aliados é essencial.

Para esta lucta temos consagrado, justa e necessariamente, todos os nossos recursos, toda a nossa riqueza, todos os nossos materiaes. e todos os nossos esforços ; e organizado um grande exercito, hoje pulsa nelle o melhor do nosso sangue, vertido ao lado dos nossos Aliados lá no Continente, emulando-lhes no seu sacrificio, estimulado pela coragem e abnegação com que luctam em defesa da sua patria. Agimos assim porque bem sabemos que a sua causa é a nossa, que doravante teremos de luctar juntos, que a dissidencia acarreta não a salvaguarda mas a ruina do dissidente ; e que para nós todos a união é essencial tanto para o triumpho como para a nossa futura existencia e bem-estar. Durante a guerra sempre a Alemanha tem visado semear a discordia entre nós, ora por um lado,

ora por outro. Mas no decorrer dos tempos só se consolida a nossa determinação de combatermos juntos até o fim; e entre os Aliados não é menos firme a solidariedade. Oxalá que as memórias de tantos sofrimentos compartilhados, de tantas façanhas realizadas hombro a hombro, eternamente consolidem os vinculos de camaradagem e de simpatia entre os governos e os povos aliados!

O que os neutros bem podem fazer.

Com respeito ao porvir, depois da guerra, o que é que os neutros poderão fazer? Nesse sentido acaba de me sondar um correspondente, a quem respondi nos seguintes termos: "Creio que no momento actual os neutros não poderiam agir melhor do que em instarem para que entre as nações se efeitue um acordo de tal ordem que impossibilite a reincidencia duma guerra como esta. Se em julho de 1914 as nações estivessem unidas por um acordo tal, se immediata e resolutamente insistissem então para que as diferenças fossem

liquidadas numa conferencia ou pelo tribunal de Haya, e que o tratado belga fosse devidamente respeitado, ter-se-hia evitado esta guerra.” Convem que os neutros notem o seguinte. Os paizes beligerantes estão a lutar numa briga de vida ou morte; lutamos efectivamente pela victoria que de dia em dia se torna mais realisavel; e comtudo scientes estamos de que se deixarmos de atingir a victoria nada atingiremos finalmente; não é de esperar pois que as nações que assim lutam tenham tempo para se tratarem do que fica para ser desenvolvido depois de assegurar a victoria. Porém os neutros bem podem tratar-se disso; e é interessante observar nesse sentido a attitude tanto do Presidente Wilson como de Mr. Hughes, o candidato republicano á presidencia.

Nos Estados Unidos já se estabeleceu uma liga, apoiada por muita gente distincta, não para interferir com os beligerantes nesta guerra, mas para propagar depois da guerra uma associação internacional cuja mira será de consolidar a paz vindoura. Devo dizer

que, se bem que actualmente carece-nos o tempo para dedicarmos a esse fim, encaramos favoravel e esperançosamente o trabalho assim encetado pelos paizes neutros. Ha comtudo que notar esse ponto : Se após essa guerra as nações mundiaes conseguirem algo mais efectivo do que puderam conseguir antes, em se ligarem para o fim comum de manter a paz, ellas deverão empreender sómente o que estiverem preparadas para manter á força, e deverão ver que isso se mantenha á força quando chegar o momento critico. Em outras palavras, aos neutros que estão tratando dessa questão, declaramo-nos de acordo com isso ; mas quando vier o dia de nos apresentar qualquer das suas exigencias nesse sentido, havemos de lhes perguntar : “ Cumprir-se-ha isso quando vier a ocasião ? ” Para que se efectue tudo isso é preciso que haja, além da assignatura regia ou presidencial, o apoio do parlamento e do sentimento nacional.

Visa essa liga assegurar o acatamento devido aos tratados, e providenciar meios para liquidar questões antes de se recorrer

á guerra. Em julho de 1914 não havia nenhuma liga dessa categoria. Suponhamos que na vindoura geração reincidenta a crise de julho de 1914; havendo então uma liga como essa, é bem provavel que se consiga manter a paz. Tudo dependerá de ser o sentimento nacional compenetrado pelas lições desta guerra, a ponto de estar cada nação persuadida de que, embora não esteja directamente involvida na questão, ver-se-ha interessada, e vitalmente interessada, em agir de qualquer forma, mesmo á força, para a preservação da paz.

Alemanha, o grande anarquista.

Além disso é preciso que haja algo mais, algum acordo depois da guerra quanto aos metodos de conduzir a guerra. Queixa-se a Alemanha dos nossos metodos nesta guerra; queixa-se do nosso bloqueio. Ora, já nos primeiros dias de guerra a Alemanha empenhava-se para obstar o abastecimento deste paiz. Não tardaram os alemães em meter a

pique dois navios neutros com mantimentos para este paiz. Não cabe á Alemanha, pois, queixar-se do bloqueio. E que diremos acerca dos outros metodos adoptados—semear as minas indiscriminadamente nos altos mares, perigando tanto os navios neutros como os beligerantes; bombardear portos maritimos indefesos—porque segundo os comunicados officiaes alemães o que se precisa para converter um porto aliado no litoral em fortaleza não é nem armamento nem guarnição, mas o mero facto de ser bombardeado por um cruzador alemão. Em seguida, o uso de gas asfixiante em guerra, que ninguem havia de julgar possivel se os alemães não tivessem recorrido a isso, e que ninguem pensava de usar até que os alemães o iniciaram. Na península de Galipoli nem os francezes nem nós fizemos uso do gas, porque não queriamos ser os primeiros a usal-o em parte nenhuma. Porém isso veiu a ser introduzido nesta guerra. Além disso estão o afundamento de navios mercantes, a chacina de passageiros e tripulantes; as barbaridades perpetradas na Belgica

e outros territorios aliados na posse dos alemães—barbaridades que teem sido investigadas e relatadas oficialmente, violações de todas as leis e convenções de guerra, dos mais rudimentares dictames de humanidade.

Ha um outro ponto sobre qual pouco se diz, e de que não estamos bem inteirados. Desde que a Turquia entrou na guerra, tornou-se vassalo d'Alemanha; e do que consta se vê que jamais os turcos estiveram mais assanhados do que ultimamente em exterminar os povos cristãos—horrores que a Alemanha podia ter prevenido, mas que continuaram só porque eram por ella tolerados. Talvez algum povo neutro inteirado do caso o revele ao mundo algum dia plenamente.

Tudo isso se deu durante a guerra; e quão tragica é a perspectiva do porvir! E após a guerra, continuará a sciencia a prestar todos os seus recursos para inventar meios de destruir a raça humana, sem restricção qualquer a taes meios? Constitue isso uma ameaça á civilisação, á propria existencia da raça humana.

Desencadeando tudo isso, a Alemanha é o grande anarquista que sobre o mundo livra o maior e mais terrível anarquismo jamais sonhado por qualquer anarquista individualmente. A não ser que se lhe ponha cobro, a guerra futura, scientíficamente desenvolvida, será ainda mais terrível e horrenda do que esta guerra tem sido, pois a Alemanha derribou todas as barreiras levantadas pela civilização a fim de restringir os horrores da guerra quanto possível. Convem aos povos neutros que haja leis a observar nas guerras futuras—leis estabelecidas e acatadas de tal modo que qualquer povo que as ignore será tido pelo mundo em peso como inimigo da raça humana e acossado como tal mundialmente.

O uso indiscriminado de altos explosivos para destruir grandes cidades, para chacinar combatentes e não-combatentes igualmente, todas as enormidades perpetradas nesta guerra, a introdução do gas asfixiante, talvez a introdução de molestias! Depois desta guerra precisar-se-ha de todos os esforços dos beligerantes bem como dos neutros para

providenciar que, nos ares, em terra, nos mares, e sob as aguas, as invenções scientificas sirvam para o bem e não para a destruição da humanidade; para assegurar que todas as nações reconheçam a sua responsabilidade em prevenir guerra; e havendo guerra, para se reger segundo leis pelo menos tão humanas como as que foram acatadas pelos nossos antepassados, mas que a Alemanha acaba de postergar e abolir. Tudo isso é de sumo interesse á raça humana em peso.

O sacrificio dos jovens.

De dia em dia se torna mais manifesto que neste paiz e nos paizes aliados ha centenas de milhares de familias a quem o triunfo será motivo de orgulho e satisfação, mas não lhes restituirá jamais a felicidade, a alegria que havia nos seus lares antes da guerra. Milhares após milhares de jovens seguem para a fronteira, exaltados pela coragem e nobreza d'alma que não se sentem no decorrer duma longa vida em condições normaes. E nessa exaltação

patriótica muitos delles findam os seus dias revelando-nos o espirito heroico em que enfrentaram o sacrificio—revelações que nos tornam duplamente ufanos delles, por pungente que fôr a nossa magoa pela perda sofrida. Os sacrificados estão constantemente substituidos, e mais seguirão enquanto fôr preciso lutar—imponente, incalculavel cortejo, proveniente até das mais longinquas paragens, de heroes que se sacrificam, mas não debalde, porque em vida e morte representam um glorioso triunfo.

A nova, a primorosa geração se sacrifica a fim que a velha geração sobrevivente possa findar os seus dias depois da guerra em paz, liberdade e honra; e para que a geração hoje infantil e as gerações vindouras possam viver feliz e tranquilamente, desenvolvendo a vida nacional, livres da asfixiante opressão, do jugo militarista da Prussia. Por annos antes desta guerra viviamos sob as sombras cada vez mais ominosas do militarismo prussiano, que primeiro se dilatavam sobre a Alemanha toda, e em seguida toldavam o Con-

tinente inteiro. Não deve haver fim a esta guerra nem treguas enquanto não estiver assegurada a paz que livre as nações da Europa dessa fatidica sombra, e lhes dê a plena luz da liberdade. É por isso que estamos a lutar, convencidos de que, possuindo a humanidade o patrimonio da paz e liberdade que lhe atribuímos, a nossa causa é justa e santa, porque luctamos por esse direito humano.

Quando se nos pergunta: “Até quando durará esta lucta?” só podemos responder que durará até que esse direito fôr assegurado; e apesar de ser bem duro que o primor da geração actual tenha de se imolar, é pelo amor ao porvir da nação e das gerações vindouras. De acordo com os Aliados, é a nossa determinação—que o progresso da guerra mais nos cala no animo—para continuar a guerra até que estejamos bem certos do triunfo que cabe aos Aliados todos; até que tenhamos bem assegurada a futura paz da Europa inteira; e até que esteja bem claro que todos os nossos sacrificios não serão baldados.

